

RESENHA

OLIVEIRA, Luciano Amaral de. **Aula de inglês: do planejamento à avaliação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Alessandra Quadros ZAMBONI¹

Ao longo dos tempos, o ensino de língua inglesa tem desencadeado inúmeras reflexões de ordem didático-pedagógica, suscitando em pesquisadores e em professores da educação básica reflexões a respeito de sua formação (GIMENEZ *et al.*, 2015; JORDÃO; BUHRER, 2013; QUADROS-ZAMBONI, 2013; ROTTAVA *et al.*, 2015), do ensino ou não da gramática em sala de aula (OLIVEIRA, 2014; ROCHA; BASSO, 2007; GIMENEZ *et al.*, 2005) e de que modo avaliar os conhecimentos dos alunos e do próprio processo de ensino dessa língua (RODRIGUES *et al.*, 2011; SILVA PAIVA; CANAN, 2016).

Nesse contexto, emerge a publicação *Aula de inglês: do planejamento à avaliação*, publicada pelo professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia, Luciano Amaral Oliveira. Na apresentação, o autor informa que a mesma surgiu de reflexões e estudos realizados ao longo de 25 anos atuando como professor de inglês. Com uma linguagem clara, objetiva e bem-humorada, o autor discorre sobre o ensino de língua inglesa, da concepção da aula ao ensino das quatro habilidades, percorrendo temas bastante presentes entre os professores de inglês, como de que modo ensinar gramática e vocabulário e como avaliar o aprendizado e o ensino. Longe de ser um mero manual de instruções para o professor, o livro constitui-se em um importante aliado para a formação inicial e em serviço de professores de inglês, e traz reflexões bastante pertinentes a esse campo de estudos. A obra estrutura-se em nove capítulos, os quais serão apresentados a seguir.

No capítulo que inicia o livro, *A logística da aula*, o autor defende que o aprendizado não é linear. No entanto, isso não significa que o ensino deva ser um ato caótico, mas sistematizado. Desse modo, a logística constitui-se no conjunto de ações essenciais para o ensino, que o autor informa serem, respectivamente, o planejamento da aula e o gerenciamento da sala de aula. Oliveira defende que o professor precisa

¹ Doutoranda em Letras (UFPR), mestre em Letras (UFPR). É professora do Colegiado de Letras da UNESPAR campus de Paranaguá.

primeiramente levar em consideração quem são seus alunos para poder decidir quais são as maneiras mais adequadas para lidar com suas características, especialmente com relação à motivação dos alunos. Em seguida, o autor afirma que é necessário levar em consideração a faixa etária dos alunos para que se tomem decisões quanto aos tipos de materiais, temas abordados e uso das atividades do livro didático, sendo necessário ainda que o professor complemente as atividades ofertadas pelo livro didático com materiais garimpados em revistas, jornais, sites e livros de atividades. Em seguida, o autor discorre sobre o planejamento da aula e apresenta os elementos que compõem o plano de aula, discorrendo sobre eles. Posteriormente, aborda o gerenciamento de sala de aula e aspectos referentes ao ambiente físico, aos modos de agrupamento dos alunos em sala, ao estabelecimento de regras de comportamento, à linguagem corporal, à fala do professor, ao uso do português, às instruções fornecidas aos alunos e ao monitoramento das atividades.

O modo com que se poderia constituir o trabalho com a oralidade e a escrita sempre esteve presente nos debates acerca do ensino de inglês por parte dos professores. O autor inicia o capítulo esclarecendo que alguns autores preferem utilizar o termo macro-habilidades (pressupondo-se que cada uma das quatro habilidades é composta de habilidades menores, a micro-habilidades, sendo as habilidades, portanto, multidimensionais) enquanto outros defendem a unidimensionalidade das habilidades linguísticas (não podem ser decompostas). Em vista disso, o autor informa que, como não há consenso na área sobre essa questão, adotará ao longo da obra o termo tradicional *quatro habilidades*, a partir de uma perspectiva multidimensional. Desse modo, o segundo capítulo, *Sobre o ensino das quatro habilidades*, apresenta uma reflexão sobre o conceito das habilidades receptivas e produtivas, em contraposição aos conceitos de habilidades passivas e ativas atribuídos às quatro habilidades linguísticas: compreensão oral, fala, leitura e escrita. Em seguida, os conceitos de estratégia e habilidade são contrastados, bem como sua relação com a consciência e a automação. Na continuidade, o autor apresenta os conhecimentos que considera necessários para o desenvolvimento das quatro habilidades, sendo esses os conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, textuais e prévios. A seguir são apresentados os esquemas mentais e os processos de decodificação ascendente e descendente. O capítulo finaliza com considerações acerca da questão da integração das habilidades.

O terceiro capítulo, intitulado *O ensino da compreensão oral*, apresenta sugestões para o professor desenvolver as atividades concernentes a essa habilidade

com seus alunos. Primeiramente é abordado o papel das atividades de pré-compreensão oral e a importância da condução desse trabalho pelo professor, primeiramente com as atividades de pré-compreensão oral, que possuem os objetivos de estabelecimento do contexto, motivação e ativação ou construção dos esquemas mentais. Em seguida, são abordadas as micro-habilidades de compreensão oral e suas articulações com as atividades propostas em sala de aula. O capítulo finaliza abordando o uso de recursos tecnológicos e o ensino da compreensão oral e os prós e contras do uso de recursos da internet para a realização das atividades em sala de aula.

O quarto capítulo, *O ensino da leitura*, problematiza a questão da coerência textual, questionando a visão imanentista, que defende que a coerência é algo inerente ao texto. Na sequência, o autor discorre sobre o papel das atividades de pré-leitura de seus propósitos pedagógicos, como o diagnóstico dos conhecimentos relacionados aos textos por parte dos alunos e o auxílio à construção dos esquemas mentais necessários ao texto pelos alunos. Não se utilizando explicitamente o termo *estratégias de leitura*, o capítulo prossegue discorrendo sobre as micro-habilidades necessárias a serem consideradas pelo professor ao planejar duas aulas referentes à habilidade de leitura: reconhecimento dos padrões ortográficos, reconhecimento das classes de palavras, busca por informações específicas, busca por ideias gerais e inferenciação. Por fim, são discutidas três controvérsias que envolvem o ensino da leitura: leitura em voz alta, o uso de textos autênticos e o uso de textos literários.

Uma das habilidades menos trabalhadas no ensino de línguas estrangeiras nas escolas brasileiras é a fala e, conforme defende Oliveira (2015, p. 132), “ [...] deve ser vista como uma habilidade que os alunos precisam desenvolver para serem usuários competentes da língua”. Nessa perspectiva, o quinto capítulo, *O ensino da fala*, aborda essa habilidade e é dividido em três seções. Na primeira delas o autor discorre sobre questões como: *Quais barreiras psicológicas atrapalham o desenvolvimento da fala?* *Ler em voz alta constitui-se em oralidade? Precisão gramatical e fluência possuem o mesmo grau de importância?* Desse modo, as questões referentes a barreiras psicológicas, leitura em voz alta e fluência versus precisão são discutidas nessa seção. A segunda seção trata das atividades de pré-fala, defendendo que dentre seus objetivos estão o estabelecimento do contexto, a construção de esquemas mentais e o diagnóstico da familiaridade dos alunos com o tópico da atividade. A terceira seção aborda as micro-habilidades da fala, apresentando cinco delas: produção inteligível dos sons, uso apropriado dos elementos gramaticais e do vocabulário, uso apropriado dos registros,

realização das funções comunicativas e uso de estratégias de comunicação. Com relação às estratégias de comunicação, o autor discorre sobre a negociação de sentidos, a circunlocução, o neologismo, o evitar um tópico e o uso de linguagem não verbal.

As produções de escrita que ocorrem nas aulas de língua inglesa, muitas vezes, resumem-se a atividades de pinçamento automático de respostas de um texto visto previamente, em detrimento de um processo de produção efetiva de sentidos em outra língua. Nessa perspectiva, o sexto capítulo aborda *O ensino da escrita*. Nesse capítulo, o autor discute a natureza da escrita, ou seja, se ela se constitui como produto ou como processo e as implicações para o ensino que subjazem nesse questionamento. Na sequência, o capítulo discorre sobre a importância do trabalho com os elementos da textualidade, abordando os elementos linguístico-semânticos coerência e coesão textual e discorrendo sobre cinco elementos pragmáticos de textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. O papel das atividades de pré-escrita é abordado na seção subsequente, seguindo-se da abordagem de oito micro-habilidades de escrita: o uso correto das convenções ortográficas e da pontuação, a ordenação correta das palavras, o uso correto das regras sintáticas, a adequação do texto ao contexto de produção e recepção, o uso adequado dos elementos coesivos, a estruturação interna do parágrafo, a ordenação lógica de parágrafos e a revisão textual. O capítulo encerra com considerações acerca da escrita colaborativa e correção dos textos escritos.

O sétimo capítulo intitula-se *O ensino do vocabulário* e apresenta sugestões de formas de ensino do significado lexical. Após isso, discorre sobre o que é necessário para se conhecer uma palavra, analisando-a por meio de quatro categorias: forma da palavra, posição da palavra na oração e nos sintagmas nominais, função da palavra nos atos comunicativos e significado da palavra. Cada uma dessas categorias subdivide-se em duas categorias sendo, elas, respectivamente, falada e escrita, padrões gramaticais e concorrências, frequência e adequação, conceito e associações. A seguir, o capítulo aborda os fenômenos semânticos e a organização do vocabulário, destacando nessa seção os fenômenos semânticos sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia e homonímia.

O oitavo capítulo, *O ensino da gramática*, inicia-se com uma discussão a respeito do ensino ou não de gramática nas aulas de língua estrangeira, esclarecendo o equívoco existente com relação a essa questão, uma vez que, segundo o autor, nenhum teórico defendeu o não ensino da gramática, e sim a ênfase da fluência em detrimento da

precisão gramatical, como foi visto na abordagem comunicativa. Esclarecida essa questão, o capítulo segue abordando a concepção tridimensional da gramática, a partir de uma proposta teórica das pesquisadoras Marianne Celce-Murcia e Diane Larsen-Freeman: *the pie chart*. Por meio dessa concepção, os elementos gramaticais podem ser concebidos por meio de três perspectivas ou dimensões diferentes: a dimensão formal, a dimensão semântica e a dimensão pragmática. Na sequência, discute-se o problema do conhecimento inerte e a interlíngua e sua articulação com a discussão sobre os erros dos aprendizes. O capítulo finaliza trazendo a reflexão sobre duas questões consideradas importantes pelo autor: o uso do português em sala de aula e o papel que a metalinguagem desempenha no ensino de língua inglesa.

O último capítulo do livro, *Avaliação do aprendizado e do ensino*, aborda a avaliação da aprendizagem e a avaliação do ensino. Em seguida, discorre sobre os instrumentos de coleta de informações mais comuns, que são o teste e a observação das aulas. Na seção sobre os princípios gerais para a elaboração de testes são discutidos os princípios de validade (de conteúdo, de face e de construto), confiabilidade e praticabilidade. Seguidamente, são apresentados os tipos de testes e discorre-se sobre os testes diretos, indiretos, testes de pontos discretos e testes integrativos, testes de nivelamento, de rendimento e de proficiência. Na sequência, o capítulo expõe as questões da mistura de habilidades e o efeito *washback*. Por fim, última seção apresenta a observação de aulas como instrumento legítimo de avaliação do ensino.

Ao finalizar seu trabalho, o autor tece suas conclusões refletindo sobre questões que permeiam a formação do professor de inglês e sua atuação em sala de aula, defendendo que devemos recusar o mito sobre a separação entre a escola e a universidade e considera que o afastamento ocorre por parte do professor formador, e não da universidade. O autor completa sua análise convocando os professores a se colocarem em permanente processo de aprendizado.

Em síntese, o livro apresenta questões pertinentes ao ensino de língua inglesa, trazendo não apenas conceitos teóricos acerca dos elementos que constituem a prática docente mas, sobretudo, suscitando reflexões necessárias ao professor, que vão do planejamento à avaliação das aulas e do aprendizado dos alunos. Trata-se, portanto, de uma leitura importante para a formação inicial e continuada dos professores de língua inglesa.

REFERÊNCIAS

CELCE-MURCIA, M.; LARSEN-FREEMAN, D. *The grammar book: an ESL/EFL Course*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

FURLAN, C. J. K. *Ensino de gramática em aulas de inglês língua estrangeira: relações entre cognição relatada, prática pedagógica e contexto*. 2014. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs). *Perspectivas Educacionais e o Ensino de Inglês na Escola Pública*. Pelotas: EDUCAT, 2005.

GIMENEZ, T.; KADRI, M. S. E.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D. S. P.; PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 15, p. 593-619, 2015.

JORDÃO, C. M.; BUHRER, E. C. A Condição de Aluno-Professor de Língua Inglesa em Discussão: estágio, identidade e agência. *Educação e Realidade*, v. 38, p. 669-682, 2013.

OLIVEIRA, L. A. *Aula de inglês: do planejamento à avaliação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

OLIVEIRA, L. A. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

QUADROS-ZAMBONI, A. S. *Apendicite formativa nos cursos de Letras: reflexões sobre a formação do professor de inglês*. Campinas: Pontes, 2015.

ROCHA, C. H.; BASSO E. A. (Orgs.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

RODRIGUES, B. C.; ROCHA, M. P. dos S.; GONÇALVES, R. M. *Um olhar sobre a prática avaliativa de língua inglesa*. Via Litterae , v. 3, p. 5-21, 2011.

ROTTAVA, L.; C. B.; DUTRA, E. de O.; PINHO, I. da C. (Orgs.). *Reflexões em Linguística Aplicada – a formação de professores de línguas e a prática em sala de aula: caminhos e expectativas*. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SILVA PAIVA, V. M. A. da.; CANAN, A. G. *Avaliação de língua inglesa na sala de aula [recurso eletrônico]: uma construção coletiva / Vitória Maria Avelino da Silva Paiva, Ana Graça Canan. – Natal, RN : EDUFRN, 2016.*